

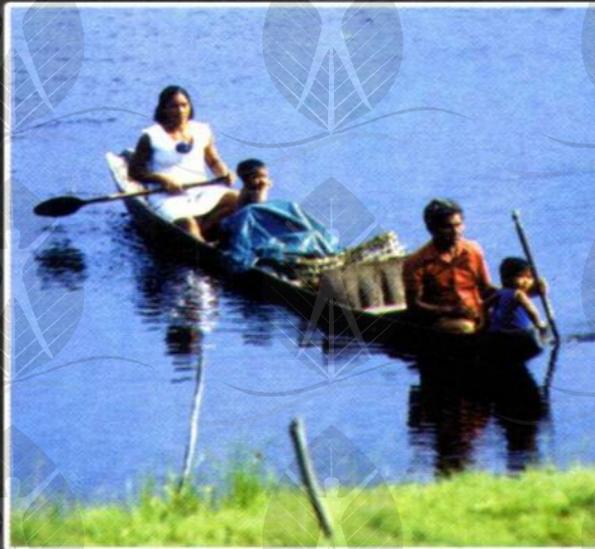


COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Sessão Solene

Da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro

fac-similado N.º 101



SESSÃO SOLENE DA SOCIEDADE DE
GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO EM HONRA
DOS ILUSTRES EXPLORADORES DO XINGU

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA



GOVERNADOR DO AMAZONAS
Amazonino Armando Mendes

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
Samuel Assayag Hanan

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO
Robério dos Santos Pereira Braga

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO
Vânia Maria Cyrino Barbosa

SECRETÁRIA EXECUTIVA ADJUNTA
Delzinda Ferreira Barcelos

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier Ramos

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA
Saul Benchimol – Presidente

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357
Fax: (92) 233.9973
E-mail: sec@visitamazonas.com.br
www.visitamazonas.com.br

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA
DO RIO DE JANEIRO

SESSÃO SOLENE DA SOCIEDADE DE
GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO EM HONRA
DOS ILUSTRES EXPLORADORES DO XINGU

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA



Copyright © 2002 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Antônio Auzier Ramos

CAPA
Vanusa Gadelha / KintawDesign

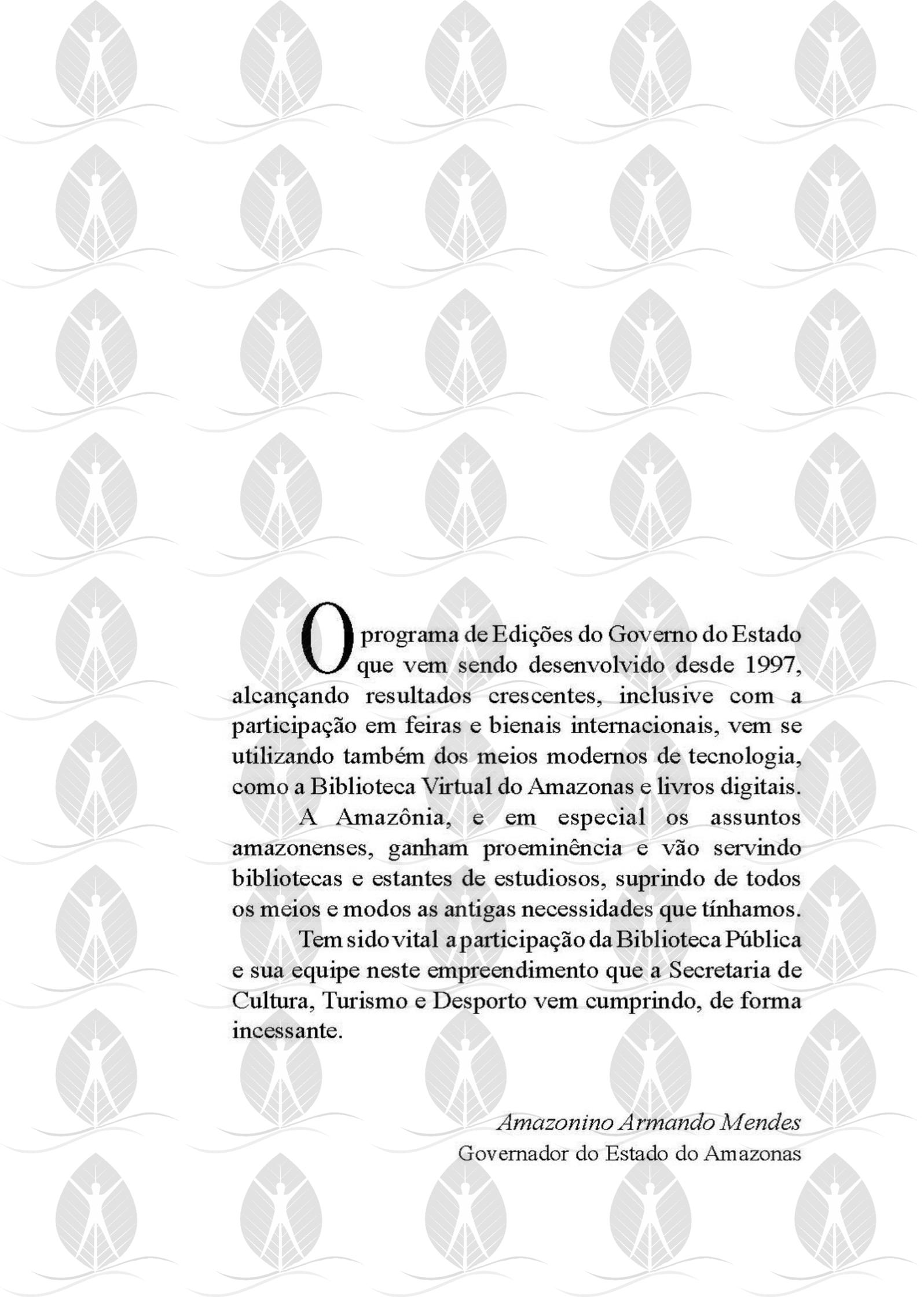
PROJETO GRÁFICO
KintawDesign

AmM Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Sessão Solene da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em honra dos ilustres exploradores do Xingu / Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002.

32 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 113

Raro



O programa de Edições do Governo do Estado que vem sendo desenvolvido desde 1997, alcançando resultados crescentes, inclusive com a participação em feiras e bienais internacionais, vem se utilizando também dos meios modernos de tecnologia, como a Biblioteca Virtual do Amazonas e livros digitais.

A Amazônia, e em especial os assuntos amazonenses, ganham proeminência e vão servindo bibliotecas e estantes de estudiosos, suprimindo de todos os meios e modos as antigas necessidades que tínhamos.

Tem sido vital a participação da Biblioteca Pública e sua equipe neste empreendimento que a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto vem cumprindo, de forma incessante.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

SESSÃO SOLEMNE

DA

Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro

EM HONRA DOS ILLUSTRES EXPLORADORES DO

XINGÚ

A 3 DE DEZEMBRO DE 1884

DISCURSOS PROFERIDOS

PELOS SRS.

Barão de Teffé, Dr. Carlos von den Steinen e Commendador R. G. Montóro

Com uma Nota explicativa do ultimo discurso, sobre a descoberta do
Brazil e a estatua equestre da Ilha do Corvo.

RIO DE JANEIRO

Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C.
61—RUA DO OUVIDOR—61

1884

SESSÃO SOLEMNE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO
RIO DE JANEIRO, A 3 DE DEZEMBRO DE 1884

A's 8 horas da noite, no salão de honra do muséu escolar, edificio da Typographia Nacional, na augusta presença de S. M. o Imperador, reunio-se a sociedade em sessão solemne para receber e honrar os exploradores allemães do rio Xingú, Dr. Karl von den Steinen, Dr. Otto Clauss e Wilhelm von den Steinen.

O Sr. conselheiro A. J. Henriques, vice-presidente, que dirigira a sessão preparatoria, convidou o Sr. Visconde de Paranaguá a assumir a presidencia.

Obtida a venia de S. M. Imperial, o Sr. presidente abriu a sessão e a comissão foi receber os illustres exploradores, que occuparão os seus lugares á direita do estrado imperial. Então o Sr. Visconde de Paranaguá proferio um breve discurso, agradecendo a S. M. o Imperador o seu comparecimento, que é mais uma prova da animação que S. M. Imperial dá aos estudos scientificos, e saudou entusiasticamente, em nome da sociedade, depois de apresenta-los a S. M. Imperial e á reunião, os illustres exploradores, pelos relevantes serviços que prestarão ao Brazil, á geographia, ethnographia e anthropologia, agradecendo-lhes a visita á associação e os esclarecimentos que o digno chefe da expedição ia prestar á reunião. Todo o auditorio conservou-se em pé durante a saudação.

Então o Sr. Barão de Tefé, orador official, disse:

Senhor, minhas senhoras e meus senhores — Cabe hoje á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro a subida honra de celebrar uma sessão na augusta presença de S. M. o Imperador, e esta circumstancia, que com tão justa razão nos desvanece, veio dar um character solemne á sessão extraordinaria que haviamos destinado á recepção em nosso gremio dos intrepidos exploradores do Alto Xingú, os Srs. Dr. Carlos von den Steinen, Dr. Othon Clauss e Guilherme von den Steinen.

Por uma deliberação que devéras me surpreendeu, elegeu-me a sociedade em minha ausencia) seu orador official nesta cerimonia, incumbindo-me por tanto *ipso facto* da honrosa missão de apresentar-vos esses illustres cavalheiros, que ora nos distinguem com sua amavel visita, e de expôr-vos, outro-sim, quaes erão até agora os nossos conhecimentos geographicos sobre essas interessantissimas regiões que com tanta felicidade acabão de percorrer.

Designado quando menos o esperava, aceitei, não obstante o difficil encargo, e aceitei-o, senhores, porque entendo que em uma sociedade de geographia a phrase—orador official—não póde nem deve ser tomada no sentido litteral, na rigorosa accepção da palavra.

Acceptei a incumbencia porque ella não impõe a obrigação de um discurso. As flores de rhetorica tem sua tribuna especial; aqui ellas murcharião neste sólo de árida superficie em que medrão sómente as plantas de rija fibra, cujas raizes vão buscar a seiva nas profundezas das investigações geographicas e ethnologicas.

O estylo pomposo e declamatorio soaria mal a ouvidos acostumados aos hymnos da natureza virgem, no seio da qual consumirão os nossos hospedes la: go tempo de sua vida.

Demais, se para saudá-los fosse mister descrever em linguagem digna do assumpto as sensações multiplas dos episodios que se succedião concatenados em uma viagem como esta através de mil perigos, quem se abalançaria a tão arrojado commettimento?

Sacudidos pelos vaivens da sorte nesses longos mezes em que a cada momento esbarravão em face do imprevisito, voltão os exploradores com a alma abalada por emoções de todo o genero.

As scenas varias, mas sempre grandiosas, que de continuo se desenrolavão ante seus olhos, ora os extasiavão pela magnificencia de paysagens esplendorosas nunca anteriormente contempladas pelo homem civilisado; ora os enchião de pavor pela imminencia do perigo, quando de subito surgia-lhes pela prôa o turbilhonar d'um rodoinho, essas syrtes vorazes dos rios, para cujo centro erão attrahidas por uma força irresistivel as suas frageis ubás; ou quando sentião fraquear-lhes o remo, no esforço ingente de desvialas da carreira vertiginosa com que erão repentinamente arrastadas pela corrente superior dessas terriveis cachoeiras em que, de degraão em degraão, n'uma gigantesca escada de penedos informes, o rio se precipita com horrivel fragor, espadanando sobre as ponteagudas rochas suas aguas espumantes!...

Essas emoções permanecem vivas e duradouras na alma de quem já uma vez as sentio... eu o sei, porque tambem já as experimentei!...

Entretanto, senhores, permitti que eu vos diga, ha igualmente nesses sertões inhospitos encantos que serão sempre desconhecidos a vós homens das cidades.

Quando, por exemplo, nas horas de ardente sol, os remeiros, exhaustos de fadiga, reclamão o descanso da sesta, o explorador suspende tambem entre as ramagens mais proximas sua fresca rede de tucum, e embalando-se mollemente sob as frondosas copas dos jatobás, gosa nesse repouso ephemero de um prazer indefinivel!

Aspirando a largos sorvos o ar embalsamado da floresta, d'elle se apodera a pouco e pouco uma doce lethargia; e, esquecido dos riscos que o cercão, adormece descuidoso ao som inimitavel de um conjuncto de harmonias, em que se casão em côro — o sonoro gorgeiar dos passaros, o melancolico murmurio das aguas e o doce ciciar da brisa na folhagem.

Compreendeis, senhores, que, para quem viveu nesse meio, pallidas, frias e mesquinhas se affigurião, de certo, as mais rutilantes flores de rhetorica, as mais vivas e arrojadas imagens de um discurso academico.

Em summa, o explorador, alquebrado pelas fadigas, minado em sua saude pelas privações de todo o genero, só almeja o repouso, e prefere ás manifestações ardentes do mais eloquente orador a phrase rude e breve do sertanejo com quem conviveu, ou a palavra sem atavios do homem da sciencia.

Eis ahi porque aceitei o encargo; collocado entre essas duas entidades esforçar-me-hei por ser breve, abordando o assumpto no tom despretencioso que melhor se coaduna com a materia desta conferencia.

Tendes, senhores, diante de vós tres filhos illustres da grande nação allemã que nos é sympathica por tantos titulos.

O Sr. Carlos von den Steinen, doutor em medicina, começou a exercer sua profissião logo após a obtenção do grão, no Instituto Physiologico de Strassburgo e mais tarde tomou parte durante muitos annos nos trabalhos da Universidade de clinica psiquiatrica de Berlim.

Nos annos de 1879 e 1880, para satisfazer á aspiração que fóra sempre o sonho dourado da sua infancia, realizou uma bella e longa viagem á roda do mundo, seguindo este interessante itinerario:

De Bremen embarcou para Nova-York, dahi dirigio-se à ilha de Cuba e ao Mexico, de onde regressou aos Estados-Unidos que percorreu então em varias direcções, partindo por ultimo pela grande via de oeste com destino a S. Francisco da California; dahi embarcou para as ilhas de Sandwich,

de onde passou ás dos Navegadores, ás de Tonga e de Fidji; á Nova Zelandia, á costa oriental da Australia, á ilha de Java, á China e ao Japão; depois á ilha de Ceilão, dahi atravessando para o continente viajou por terra até Madras; por mar a Calcutá, donde outra vez seguiu por terra até Bombaim; dahi embarcou para Suez, foi ao Cayro, subio o Nilo até Luxór, de onde regressou pela Italia á sua patria.

Pouco tempo descansou, apenas o necessario para coordenar seus innumeros e preciosos apontamentos, pois organisando-se no anno seguinte a commissão que foi á ilha Georgia do Sul (a léste da Terra do Fogo) estudar o magnetismo terrestre, incorporou-se a ella como naturalista da expedição e com ella regressou em Outubro de 1883, desembarcando em Montevideo e passando-se em seguida para BuenosAyres, onde se demorou até Fevereiro deste anno em preparativos para a exploração que vem de realizar, desde as desconhecidas nascentes do rio Xingú até sua foz no Amazonas.

O fim dessas longas e penosissimas viagens do Sr. Dr. von den Steinen tem sido o estudo da *psychiatria neurologica* nos povos cultos, e as investigações anthropologicas e ethnologicas nas ilhas do Pacifico e regiões ainda pouco exploradas do nosso continente.

O Sr. Othon Clauss, doutor em mathematicas, logo que terminou seus estudos foi nomeado membro da expedição allemã enviada ao polo do sul para os importantes estudos magneticos que devem ser comparados com os do hemispherio boreal para determinação das curvas de identica intensidade.

Incorporada essa commissão á outra que com tão feliz exito pôde observar na Patagonia a passagem de Venus pelo disco solar, teve o Sr. Dr. Clauss a rara ventura de tomar tambem parte activa nessa importantissima observação astronomica.

Terminados esses trabalhos veio a Montevideo, já em companhia do Sr. Dr. von den Steinen, para d'ahi subirem a Mato-Grosso.

O Sr. Guilherme von den Steinen, primo do chefe da commissão, é membro da Academia de Bellas Artes de Berlim, onde fez seus estudos de pintura sob a direcção do conhecido professor Heinrich Wierchebrink.

O Sr. Guilherme veio em 1882 directamente para Buenos-Ayres, de onde se dirigio ao Paraguay e depois ás Missões Argentinas, que percorreu em uma demorada excursão de muitos mezes e da qual voltou a Montevideo para se incorporar á expedição destinada ao Xingú.

Eis ahi em poucas palavras resumidos os apontamentos que pude colher sobre os distinctos cavalheiros em honra dos quaes celebramos esta sessão.

Nestes ligeiros traços não fiz mais do que esboçar os seus anteriores serviços á sciencia, e quanto aos trabalhos que acabão de realizar no Xingú, ides em breves momentos ouvir do illustre chefe o modo por que tão brilhantemente se desempenhou da delicada tarefa que lhe foi commetida pelo seu governo.

Antes porém de ser facultada a palavra a quem com tanta anciedade desejais ouvir, é rigoroso dever da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, para que bem possais avaliar a importancia da exploração dirigida pelo Sr. Dr. Carlos von der Steinen, informar-vos com franqueza e lealdade até onde alcanção os nossos conhecimentos nessa importante zona do Imperio.

Não é sem grande constrangimento e mesmo vexame que entro nesta segunda parte da tarefa que me foi imposta, pois sempre achei sobremodo estranhavel, senhores, a indifferença dos nossos estadistas por tudo quanto se refere a explorações do nosso vastissimo territorio; e confrange-se-me o coração quando considero na insignificancia do que neste ramo dos conhecimentos humanos tem emprehendido o Brazil Imperio em comparação com as assombrósas viagens realizadas através dos mais reconditos sertões nos tempos do Brazil colonia!

Detesto as declanações da escola pessimista, mas os factos ahi estão a demonstrar a todas as luzes que a sciencia vale alguns sacrificios, e que se hoje não ha mais o attractivo das fabulosas minas de ouro, nem da torpe especulação das levas de indios, que erão os moveis principaes das explorações de outr'ora, cumpre ponderar que um paiz que se preza de figurar a par

das nações as mais adiantadas do globo, deve antes de tudo conhecer o seu proprio territorio...

A sciencia vale alguma cousa, repito, e a prova viva e palpavel ahi está nestes apostolos da civilisação que a culta Allemanha commissionou com grandes gastos para virem colher no coração do Brazil, não o ouro das cabeceiras desconhecidas do Xingú, mas simplesmente as suas coordenadas geographicas!

Não proseguirei neste terreno, senhores, porque fallo hoje em nome da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, e não quero que ella carregue com a responsabilidade das amargas reflexões que me suggere este triste assumpto.

Para facilitar-vos, senhores (não me dirijo aos geographos), a comprehensão do alcance que tem para a geographia a solução encontrada pelo Sr. Dr. von der Steinen ao magno problema, cuja incognita era até agora a exacta posição das nascentes do Xingú, mandei traçar aquelle contorno que representa a cópia fiel da carta geral do Imperio.

Como a *potamographia* é o objecto desta conferencia, fiz desenhar ahi alguns dos nossos rios mais notaveis, sobre as nascentes dos quaes dir-vos-hei o que me parece mais digno de nota.

Peço-vos que acompanheis com a vista as indicações que vou fazer sobre o mappa

A zona que comprehende as provincias de Mato-Grosso e Goyaz encerra uma região interessantissima e que constitue o verdadeiro coração do Brazil.

Comecemos por Mato-Grosso.

Ao norte de Villa-Bella, (a primitiva capital da provincia) offerece-se á observação um factó que se poderá considerar unico no globo, se alli mesmo, e apenas um grão ao sul, não se encontrasse um outro identico.

Com effeito, notai o que se acha traçado neste flanco meridional da grande serra dos *Parecis*. Ahi tem sua principal vertente o rio *Jaurú*, que correndo para o sul e sueste vai engrossar o rio Paraguay.

Na mesma face austral d'esta serra, e a pequena distancia, brota o rio *Guaporé*, o qual corre tambem para o sul em uma extensão de cerca de 15 leguas, sempre paralelo ao *Jaurú*, do qual separa-se de repente, inclinándose para oeste e noroeste, até formar o soberbo rio *Madeira*.

A mesma fonte, pois, leva suas aguas ao oceano por dois caminhos oppostos: pelo *Madeira* e *Amazonas* a lançar-se no hemispherio norte, na corrente equatorial; pelo Paraguay, Paraná e Rio da Prata a misturar-se com a corrente do Cabo d'Horn!

Vede, senhores, que não é um factó commum, visto como não se trata aqui de *contra-vertentes*, mas sim de duas fontes vizinhas, que nascem juntas e correm pelo mesmo flanco da montanha.

E este raro phenomeno reproduz-se algumas leguas ao sul de Villa-Bella, na serra do *Aguapehy*, d'onde jorrão a alguns metros de distancia entre si, e na mesma vertente de nordeste, o *Aquapehy*, que róla suas aguas até o Rio da Prata pelo *Jaurú*, Paraguay e Paraná; e o *Alegre*, que corre parallelamente a elle em mais de 7 leguas de curso, para depois procurar o *Guaporé*, afim de desembocar no oceano pela boca septentrional do *Amazonas*.

Assim, vê-se que a agua da mesma fonte, separando-se em dois braços, vai misturar-se com as do Atlantico, depois de um percurso quasi igual, e que para o sul regula mais ou menos 700 leguas navegaveis até Montevideo, e para o norte não excede a 760 leguas até a capital do Pará!

Se continuarmos a analysar o mappa e a estudar a *potamographia* da faixa comprehendida entre os 14° e 16° de latitude austral, nos convenceremos, sem grande difficuldade, que muito apropriada foi a denominação de coração do Brazil, que os primeiros exploradores applicarão a essa interessante região.

Effectivamente, na serra dos *Parecis* fazem ainda contravertentes (como se vê no mappa): o *Sipotuba* (affluente do Paraguay) com o *Juruena* (braço do Tapajoz) e *Sumidouro*, que é affluente do Arinos e confluyente do mesmo Tapajoz.

Um pouco a leste, na serra do Pary, nasce nas *Sete Lagôas* o rio Paraguay, a poucas milhas de distancia do rio *Preto*, que pela contravertente vai engrossar as aguas do Arinos.

Ainda algumas leguas mais para o oriente a mesma cordilheira, que ali tem o nome de Serra Azul, divide as aguas do rio *Cuyabá* (affluente do Paraguay) das do *Paranatinga*, affluente importantissimo do Tapajoz.

Pela parte do sul, proximamente na latitude de Cuyabá, a serra da *Chapada* faz o divorcio das aguas do rio das Mortes (que corre para o Araguaya) com as do rio da *Casca*, que vai para o *Cuyabá* e *Paraguay*.

Junto á capital de Goyaz o rio *Vermelho* conduz ao *Araguaya*, e o do *Urubí* ao *Tocantins*, ao passo que um pouco ao sul, nas contravertentes da serra de Santa Rita, o rio dos *Bois* se lança no *Paranahyba* e rio Paraná a desembocar no oceano pelo Rio da Prata!

Em summa, para que nenhuma das gigantescas arterias que levão a vida e o movimento a quasi todo o corpo do Brazil deixasse de ter sua origem no coração deste colosso, ali está ainda o immenso S. Francisco recebendo pelo *Paracatú*, *Rio Preto* e *Lagôa Feia* as aguas que vertem da mesma serra d'onde brota o S. *Bartholomeu*, que vai ter ao Rio da Prata, e na contravertente a *Lagôa Formosa*, que dá origem ao Tocantins!

Esta região que aponto é, portanto, como vêdes, a mais interessante do Brazil, encarada sob o aspecto da *potamographia*.

Todos estes rios, agora descriptos, têm sido explorados, e muitos delles navegados na maior parte do seu curso; mesmo alguns, sobre os quaes havião surgido duvidas, forão percorridos em toda a sua zona navegavel, como, por exemplo, o *Paranatinga*, que por muito tempo se suppôz braço principal do rio Xingú.

E' esta a occasião opportuna de esclarecer este ponto, pois um jornal do Pará, dando noticia da bellissima exploração dos nossos hospedes, faz crer que ainda em nossos dias era tido o *Paranatinga* como a parte alta do Xingú!

A' Sociedade de Geographia cabe o dever de rectificar tal equivoco.

Com effeito, em um manuscripto de Antonio do Prado Siqueira, datado de Cuyabá em 27 de Agosto de 1769, dá elle a primeira noticia sobre o Rio *Paranatinga*, na seguinte narração, que lhe fizera o velho Antonio Pires de Campos, companheiro de explorações do celebre Bartholomeu Bueno na descoberta das famosas minas dos Martyrios, esse El-dorado dos Paulistas.

« Da cachoeira da *Chapada*, sitio que é hoje de Martinho de Oliveira partirão, seguindo o rumo entre o norte e noroeste, levando o nascente do sol pelo lado direito e o poente no esquerdo, fazendo marchas tão somente de metade do dia, para no mais tempo que sobrasse buscar a vida, matando caça e tirando mel silvestre, que era o sustento commum de todos; e marchando assim, ao cabo de oito dias derão com um rio, que fazia sua corrente para o Norte, o qual era de cor de leite suas aguas, com muitos bôtos do mar salgado, a que chamarão *Paranatinga*, que vertido em nosso idioma quer dizer—*mar branco*.

« E fazendo elles canoas passarão o dito rio, etc., etc. »

Eis ali como foi descoberto o *Paranatinga*, depois disto explorado por duas vezes pelo arrojado sertanejo de Cuyabá, capitão de milicias José Luiz Monteiro, mas só conhecido em todo o seu curso no anno de 1820, em que foi navegado pelo tenente Antonio Peixoto de Azevedo, que partindo de Cuyabá com 50 milicianos, embarcou no porto de S. Francisco de Paula em 20 de Agosto de 1820, e descendo-o na distancia de 229 leguas, desembocou no Tapajós!

Calcula Peixoto que a navegação por este rio é mais curta 86 leguas do que a feita pelo Arinos, além de ser essa paragem mais salubre, assim como

mais rica em productos naturaes do que a que offerecem as margens do Arinos.

O autor da *Memoria* escripta em 28 de Maio de 1884 sobre as minas de Mato-Grosso, conego José da Silva Guimarães, descrevendo o valle do *Paranatinga*, diz :

« A propriedade que têm para a cultura os grandes matos do *Paranatinga*; a sua riqueza natural, que ha de incitar o commercio, o commodo que se encontra na fartura da caça e pêsca e na abundante apuração da manteiga dos ovos da tartaruga, que se topa em montes por toda a praia; e as minas que se hão de encontrar na sua vasta extensão, offerecerão um dia aos ditosos habitantes o rico sólo de uma nova provincia, que, estendendo-se até ás margens do *Araguaya*, terá para seu maior engrandecimento a desconhecida navegação do afamado rio *Xingú*. »

Castelnau, em 1844, descrevendo o curso do rio *Tapajoz* diz que a cerca de 20 leguas da cachoeira de S. Simão recebe pela margem direita o rio S. Manoel, ao qual tambem chamão *Paranatinga* e rio das Tres Barras.

Finalmente, o capitão de fragata *Leverger* em 1862 confirma as noticias anteriores de que o rio *Paranatinga* é um dos braços principaes do *Tapajóz*, como está desenhado no Atlas de *Candido Mendes* e na Carta Geral do Imperio.

Não existia, portanto, duvida alguma sobre o curso deste rio, que tambem só foi atravessado pela commissão do Sr. Dr. von den Steinen.

O que é realmente incomprehensivel, e prova a asserção que avancei no principio desta conferencia, é que, exploradas como forão no seculo passado e em principios deste, as cabeceiras dos rios dessa região, tivessem ficado até hoje desconhecidas as vertentes do *Xingú*, tão proximo vizinho do *Paranatinga*!

Cumpre considerar que já em 1560 havião os Hespanhóes passado do Paraguay ao Guaporé e dahi tomado pelo Mamoré em busca do Perú; seguindo-se outras muitas explorações de Portuguezes, e mais tarde dos sertanejos paulistas, que cruzavão com frequencia os sertões do *Araguaya* ao *Juruna*, através das serras e campos dos *Parecis* como rezão as chronicas daquelle tempo.

E não se contentavão em connecer os rios, mas pretendião liga-los por *varadouros*, como prova o que abrio em 1746 o sargento-mór João de Souza Azevedo, n'uma extensão de tres leguas e pelo qual varou suas canoas do rio *Sipotuba* (affluente do Paraguay) para o rio *Sumidouro*, braço do *Tapajoz*!

Este rio era, pois, muito conhecido em todas as suas ramificações, e assim tambem o rio das *Mortes*, que recebeu este triste nome em razão do massacre praticado em 1682 por Antonio Pires de Campos sobre os indios Aráes e Carajás, quando defendião as malócas de suas margens.

O *Araguaya* e *Tocantins* forão navegados: este em 1625 pelo padre *Christovão de Lisboa*, e aquelle em 1720 pelo capitão *Diogo Pinto de Gaya*.

A léste, sul e oeste estavam explorados todos os rios principaes, entretanto sobre o *Xingú* eis o que apenas se sabia até a actual exploração dos dignos cavalheiros que nos honrão.

Em 1759, conta o padre José de Moraes, que o padre allemão *Roque Hundertpfundt*, jesuita missionario, lhe referira que o rio *Xingú* corre de sul a norte e é navegavel por espaço de 3 mezes aguas acima.

Que subindo 40 leguas encontra-se cachoeiras mais ou menos difficultosas de passar porém todas vadeaveis por canoas de 30 a 40 palmos de comprimento.

Que o padre *Hundertpfundt* transpoz as primeiras e mais perigosas e viajou 5 semanas, pelo que calcula ter subido umas 150 leguas.

Diz que o rio em certo ponto inclina ou faz uma grande volta para léste.

Que encontrou a nação dos *Jurunas* a trinta leguas acima da foz e aldejada em ilhas.

Diz que estes indios são ferozes e antropophagos, mas que no emtanto o receberão bem e acompanharão em sua exploração, referindo-lhe que umas 60 leguas acima do ponto a que havião attingido existem campos abertos; que atravessando pela esquerda estes campos (margem direita)

se encontrava uma grande serra, de cujo cimo elles ouvião toque de sinos dos brancos e vião gado.

Suppunha o missionario que fosse algum arraial pertencente ás minas de Goyaz.

Dahi desses campos vinhão indios da nação Carajáussú ataca-los, sendo esta tribu do valle do Tocantins.

Conta ainda Hundertpfundt que as margens do Xingú são todas pedregosas, e que o leito é semeado de ilhas e cachoeiras, accrescentando que é muito largo até os ditos campos.

1797

XINGÚ

Depois do padre José de Moraes quem melhor escreveu sobre o Xingú foi o consciencioso geographo Ricardo Franco de Almeida Serra, que em sua memoria sobre a capitania de Mato-Grosso assim se expressa :

RIO CHINGÚ

« O rio Chingú, o mais crystallino, e um dos grandes e caudalosos braços do Amazonas, e que entra na sua margem meridional com trezentas leguas de extensão, pela lattitude de 1 grão e 42 minutos, e na longitude de 325° e 34 minutos, setenta legoas em linha recta do poente da cidade do Pará, porém de 100 leguas de navegação, segundo a ordinaria derrota, tem grande parte do seu vasto corpo na capitania de Mato-Grosso.

« Abração as distantes origens do rio Chingú, tanto os terrenos de que igualmente nascem os braços e rios que por léste e norte fórmão a parte superior do rio Cuyabá, mas também o largo espaço que fica ao norte do rio das Mortes, que a estrada geral de Goyaz vem cortando até as fontes do rio S. Lourenço.

« E' tradição constante entre os praticos dos sertões do Pará e indios aldeados nas povoações do rio Chingú, que vencidas as suas primeiras e maiores cachoeiras, se tem achado neste rio copiosa quantidade de ouro, e que os jesuitas, ávidos indagadores deste agente universal, d'elle extrahirão muito.

« A famosa e primeira descoberta de Bartholomeu Bueno, chamada dos Martyrios, ha toda a probabilidade de que possa existir neste rio. »

Baena em sua corographia, publicada em 1839, escreve :

« O Xingú tem seu berço ao norte das vertentes do Cuyabá.

« A sua direcção é do sul ao norte, entre o Tocantins e o Tapajoz, seus paralelos em curso, tendo entre si e o Tocantins os rios Pacajús e Uanapú, também paralelos. A sua foz jaz na lattitude 2° 7' e longitude 325° 30'.

« São deliciosos os horizontes e formosa e agradável a foz deste rio ; elle rola com rapidez e acaba no Amazonas com grande largura e profundidade.

« As suas agnas na superficie têm a côr ferruginea : feridas pelo remo mostrão-se crystallinas e nas margens são diaphanas, de maneira que em uma braça de fundo se percebe o que está nelle.

« Do rio Arapari para cima até á primeira cachoeira existem ilhas, algumas com boas praias, onde vão as aquaticas tartarugas encovar os ovos.

« Quando com as chuvas incha o Xingú, estas ilhas são alagadas, mas não totalmente, porque ha paragens nas quaes se póde fazer plantações e edificar. Nas duas ilhas jacentes na boca do rio Maxipana ha Tujupáres habitados e plantio de millio, mandioca e café.

« Desde o rio Acahi até ao rio Maruá, cujo manancial jaz em uma dilatada campina, toda a margem do Xingú apresenta alcantís e restingas de pedra, e por isso navega-se pelo meio.

« As terras da margem oriental são rasteiras : as da margem occidental

são collinósas e têm serras, umas faceis de galgar, outras sem recosto e mui recamadas de alcantis, e outras cujo cimo é estancia de formigas.

« De muitas formidaveis cachoeiras é empeçado o Xingú a poucos dias de viagem na sua subida : o barulho medonho da primeira retumba na altura do rio *Tucuruí*.

« E' por este rio que annualmente desce o gentio para se prover de ferramentas, que grangêão com arcos, flechas, algodão, rêdes e passaros.

« Perpassada a ilha de Santa Maria, avista-se o terreno liberto de serros e montanhas. *A parte do sul é uma chã de terra preta e baixa, acha-se deserta por causa das incursões dos selvicolas Jurunas, e Mundurucús.*

« Da villa do Pombal para cima não é sensível o fluxo da maré.

« Os rios que desaguão no Xingú são abundantes nas drogas mais correntes no commercio, mórmente em cravo.

« Os moradores não exercitão diligencia alguma em remontar as cachoeiras, sómente áquem dellas destructão annualmente as margens, que abundão em pesca, em caça baixa e de veação.

« Em 1625 entrãõ os Hollandezes no Xingú e nelle plantãõ uma fortificação de fachina sobre uma arromada, entre os rios Piri e Acarahy, fronteira a um poço em que hoje os moradores pescão Pirahibas e Arraias.

« Em 1662 começãõ os jesuitas a missionar a gentilidade deste rio.»

Milliet de Saint-Adolphe, no seu Diccionario Geographico do Brazil, traduzido e publicado em 1845 pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, dá a seguinte descripção :

« *Xingú*, grande rio do Brazil, nasce nas serras que separão a provincia de Goyaz da de Mato-Grosso.

« Seu curso, *ainda pouco conhecido* por estar este territorio em poder do gentio, suppõe-se que corre entre 14° e 15° de latitude e que se engrossa com o tributo do rio Barahú.

« Foi nas serras da vizinhança das nascentes do Xingú que Bartholomeu Bueno affirmou que vira certa representação dos instrumentos da Paixão de Jesus Christo.

« Depois deste intrepido aventureiro, os jesuitas *explorãõ as serras d'onde nascem o rio Xingú e o de S. João, e achãõ as abundantes minas de ouro a que se poz o nome de Martyrios, sem duvida por allusão aos Yeroglyphos de Bartholomeu Bueno.*»

Emfim, em 1843 o principe Adalberto da Prussia, acompanhado pelos condes de Bismark e de Oriólla, subio pelo Xingú cerca de 421 kilometros, e em 1865 o negociante Sr. João Torquato Galvão Vinhas, subio acima das oito principaes cachoeiras, que descreveu minuciosamente.

Eis-ahi, meus senhores, o que sabiamos do rio Xingú, cujas cabeceiras forão pela primeira vez devassadas pelo Sr. von den Steinen e seus illustres companheiros de fadigas.

Conclusão—Dou por concluida a minha missão, saudando com verdadeiro entusiasmo e abundancia de coração, em nome do meu paiz e com particularidade do Instituto Historico, que hoje tambem aqui represento, e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, de quem neste momento sou o mais incompetente orgão, aos tres benemeritos da sciencia, os arrojados exploradores das encantadas vertentes do famoso Xingú!

— Subindo á tribuna o Sr. Dr. Karl von den Steinen expoz nestes termos a viagem de exploração tão audazmente apprehendida, tão felizmente levada a termo :

— As minhas primeiras palavras são um pedido. Ouso fallar n'uma lingua cujos elementos apenas conheço; n'uma lingua que infelizmente para mim parece ser predestinada a obras ingenhosas e esplendidas da rethorica. Preferia antes ouvir o ronco ameaçador de uma cachoeira terrivel diante da minha canõa do que o amavel silencio desta dignissima assembléa. Assim pois, quando como um máo piloto fór bater de encontro aos rochedos da grammatica, peço paciencia e sobretudo indulgencia.

Não podia declinar este honrosissimo convite sem me julgar ingrato ; tanto mais que elle me offerece a oportunidade de apresentar publicamente os meus respeitosos agradecimentos.

Concedeu-nos o governo imperial e o illustre delegado d'elle em Mato-Grosso um auxilio importantissimo, sem o qual era quasi impossivel a nossa empreza.

O Capitão Francisco de Paula Castro, commandante da força militar, homem sympathico e official intelligente, provou sempre ser nosso amigo, e sendo tão raras as expedições onde não haja algumas rivalidades entre militares e paisanos, posso assegurar que nada disto aconteceu, graças ao character do digno capitão. As praças forão tão modestas como valentes e trabalhadoras; merecem não pequeno quinhão de honra nesta empreza.

O sertão da provincia de Mato-Grosso é um dos taboleiros mais interessantes do globo ; no coração da America meridional forma como um divisor de aguas importantissimas : manda ao norte o Madeira, o Tapajoz, o Xingú, o Araguaya e o Tocantins; ao sul o Paraguay: este triste deserto, rasgado por innumerables ribeirões e riosinhos, berços dos gigantes que trazem fortuna e prosperidade para milhares.

Estão construindo uma linha ferrea no Madeira, e ha muito tempo que a navegação do Tapajoz é conhecida pelos negociantes que fornecem o guaraná aos cuyabanos ; os vapores regulares vão muito acima do Tocantins.

O Xingú, esse, coitado ! igual em tamanho ao Tapajoz, é como que o enteado da geographia. Começando da foz pouco era o que estava conhecido ; os velhos jesuitas tinham missões n'um districto que habitão hoje os ultimos moradores. O engenheiro Oliveira Pimentel chegou em 1872 até 3° 30' ; em 1843 o principe Adalberto da Prussia terminou a viagem d'elle em Piranhaquara no gráo 4. Onde estava o obstaculo ? Anthropophagos temiveis, segundo se suppunha, moravão mais para cima. Quando depois da descoberta do Brazil forçárão a povoação indigena a retirar-se das provincias do littoral, esta devia ter-se concentrado no territorio do Xingú.

Devia, pois, ahi haver um foco de indios. De Piranhaquara ao Paranatinga não se sabia nada de exacto. Só a hypothese e a theoria podião cobrir aquelle vasto terreno no mappa. Explica-se facilmente como as informações sobre as cabeceiras erão ainda muito mais incertas do que as sobre a parte baixa. Existia só um facto bem fundado: infelizmente este conduzia a grandes erros. Em 1820 o tenente Peixoto de Azevedo descobriu, n'uma viagem arrojada e feliz, que o rio Paranatinga vai ao Tapajoz como affluente do S. Manoel e não ao Xingú como se suppunha. Esta exploração de Peixoto ficou esquecida por muito tempo, até que o Barão de Melgaço lhe deu o devido valor. Pertencendo agora o Paranatinga ao Tapajoz, não ficou lugar para o Xingú, por isso davão toda a parte superior do Xingú ao Paranatinga, cortando áquelle bello rio 80 leguas de comprimento.

Tambem a exploração do Xingú tinha um presumpitivo pratico para os interesses de Mato-Grosso. Esta provincia, a maior do Imperio, mas só em communicação com as outras provincias pelo Paraguay, precisa e deseja um caminho direito para o Amazonas, afim de estabelecer commercio mais vivo com o Pará. Já estavam feitos muitos estudos sobre isto mas não sobre o Xingú — que é theoreticamente communicação excellente para a cidade de Belém.

Vejamos o que encontramos para levantar o véo do mysterio.

Divide-se a viagem em duas partes: caminhámos primeiro por terra, depois por agua.

Sahimos de Cuyabá a 26 de Maio e chegámos aos ultimos moradores, indios mansos chamados *Bacairis*, a 28 de Junho. Tinhamos muitas demoras ; a distancia no rumo era só de 40 leguas, mas o caminho 60.

Os *Bacairis* mansos morão em dous pequenos aldêamentos: um no rio Novo, affluente do Arinos, o outro no Paranatinga. Estão domesticados ha perto de 60 annos, fallão dos braves como dos « antigos » ; adoptárão já em vez da choupana redonda a casa quadrada dos povos civilisados. Plantão mandioca, canna, feijão, arroz; crião gado, vivem da caça e da pesca, andão vestidos e alguns fallão bem o portuguez. Todos têm nomes christãos, mas por fim de contas ainda conservão muito do indio. O chefe

Reginaldo, o *septo* de nariz furado, pennas nas orelhas, fica todo inchado na farda de capitão. São de estatura bastante robusta, cõr clara e bom temperamento. Gostão muito de musica que executão dia e noite, usande tambem da flauta antiga e da rabeça moderna, usada pelos moradores do Mato-Grosso.

Como parentes dos *Parecis*, pertencem a uma tribu outr'ora espalhada em vasto terreno. Dos *Bacairis* bravos sabem apenas que, conforme a tradição dos avós existem longe e a lêste. A sua mythologia começa com os elementos da luz e da escuridão: *Kéri* e *Kami* — sol e lua — são os filhos da onça pintada. *Pumeng* é o filho do morcego.

Parece agora que os missionarios causarão grande confusão na cabeça dos pobres diabos. Chamão hoje *Kéri* — o sol —, sómente o imperador, e *Tumeng* — o filho do morcego — o rei do Congo. O imperador fez os *Bacairis* da *Ubá*, o pão de flechas, fez o gado, o mato, etc., todas as cousas boas. Comprou o sol do urubú vermelho. Como arranjou esta compra?

Eis como conta a lenda seguinte:

« A principio tudo era escuro: quando voava o urubú vermelho, tudo se tornava claro; quando elle desapparecia, tudo se fazia escuro. Depois o imperador rezou; da *Aké*, madeira molle como a mandioca, fez a anta; depois rezou ainda outra vez e fez a *Ceméra*, mosca miudinha com máo cheiro e que attrahia o urubú vermelho. Escondeu-se o imperador na pata da anta; chegou o urubú vermelho e venceu a anta, mas, no momento em que lhe queria arrancar o coração, apañhou o imperador escondido na pata da anta e ameaçou mata-lo, se não lhe dêsse o sol. O sol achava-se na casa do urubú vermelho; o urubú branco, irmão daquelle, tinha que ir busca-lo para o entregar ao imperador. Depois o sol está n'um forno, dentro de uma grande panella; *Euaki*, avô do imperador e sua guarda, abre a tampa de manhã e fecha-a de tarde; o sol assim fica fixo, movem-se a casa e o céu, percorrendo durante a noite o caminho que fez durante o dia.»

No dia 5 de Julho atravessámos Paratinga, tendo este rio a largura de 120 metros e uma barranca de 5 metros. Fica mais ao oeste do que dão os mappas. Entrámos no terreno desconhecido *Partes do sertão*, mas com o rumo mais ao norte. Já havião sido percorridas pelos expedicionarios dos Martyrios, embora dos celebres morros auríferos. Presentemente os roteiros que elles fizerão sem instrumentos quasi que nada valem.

Tomámos o rumo oeste. O sertão é um vastissimo deserto, tem uma altura de 400 metros, em cima da qual se erguem morros isolados e cadéas de morros de 80 a 100 metros. São de pecha, de arêa vermelha, que forma no fundo dos ribeirões lages, e de compõe-se nos campos, tornando-se em cangas esmigalhada. A agua que aqui existe é abundante, limpa e boa.

A vegetação é pobre; capim delgado, ás vezes uma qualidade alta que chega ás cabeças das mulas; arvores baixas, tortas, que possuem boas qualidades, mas que sómente são conhecidas ao sertanejo; por exemplo, carvão branco, para tudo, pão de breu lixa, lixinha. Palmeiras humildes, a uacuma, a acuri, a guarirona; no brejo ou nas margens dos ribeirões com certeza a buriti orgulhosa que forma nas cabeceiras buritizaes lindissimos. Acompanha geralmente os riosinhos um pedaço de mato denso com altas figueiras, aroeiras e jatobás; encontrão-se ás vezes seringueiras; nas florestas dos morros avulta a aguassú escura contrastando com os ramilhetas da piuva rôxa.

Escassa é tambem a fauna, os trilhos formados pela anta percorrem o terreno. Aqui e acolá levantão um veado, perseguem com geral entusiasmo um tamanduá-bandeira. No capim encontrão-se camas de onça. Do mato trazem os caçadores mutuns, jacús e outras galinaceas; ás vezes tambem alguns macacos. Perto do ribeirão encontrão-se jabutis! emfim ha um pouco de tudo, mas para uma companhia de vinte pessoas torna impossivel o ella alimentar-se de caça no sertão.

Durante o dia fez bastante calor: ao meio dia a temperatura era de 30°; de noite baixou a 9°, 8° e o minimo 6° centigrados. Em con-

sequencia destas transições estavam com mais frio, no coração do Brazil, do que na Georgia do Sul.

Passámos alguns cursos d'agua; o ultimo, que consideramos per-tinentes ao Paranatinga, atravessá-mo-lo no dia 7 de Julho.

No dia 9 vimos, a 100 metros abaixo de nós, um valle extenso, fechado, ao sul, pela continuação da serra Azal, cheio de cabeceiras.

Será o Xingú?

Não nos achavamos com coragem de responder em sentido affirmativo a tal pergunta.

Seguimos a viagem em rumo este; passámos então ribeirões mais consideraveis, o rio dos Bugios e o rio Iatobá que tinha uma largura de 30 metros neste ponto. Não existia um divisor distincto de aguas.

No dia 14 de Julho chegámos a um rio que media 60 metros de largura e cujas nascentes sahião de uma bacia com seis leguas de diametro.

A 20 leguas a léste do Paranatinga tinhamos alcançado a longitude do Xingú. Decidimos embarcar. Ai de nós! se tinha razão o Barão de Melgaço e se estas aguas corrião do Paranatinga! Com effeito, que poderiamos nós experimentar de mais terrivel do que, depois de tanto trabalho, chegar á foz do S. Mancel no rio Tapajoz!

Além disto o estado miseravel dos animaes de carga exigia urgentemente que embarcassemos. Já havíamos perdido oito bois e o resto, que era mais ossos e feridas do que carne, não aguentava uma viagem mais prolongada. Não havia madeiras para construir canôa; mas onde a natureza nos oppôz aquellas cachoeiras terriveis deu-nos ao mesmo tempo a arvore cuja casca fornece a melhor embarcação para as vencer a — Iatobá—Corta-se um pedaço rectangular da casca desta arvore, moldando-a com fogo e formando cuidadosamente a pôpa e prôa da barca. Este começo de navegação foi a parte mais ruim da viagem. Parece que o rio contém mais pedras do que agua. Antes rolar no inferno a pedra de Sisypho do que, por castigo, ficar navegando eternamente o rio Batovy.

Quando depois de 19 dias encontrámos os primeiros indios, havíamos passado mais de 100 cachoeiras e quatro saltos de 3 metros, sendo o ultimo de 5 metros de altura. Estavamos reduzidos a 6 canôas; deixámos 7 rachadas ou quebradas. Não possuíamos nada que não tivesse cahido á agua: as provisões, como carne secca, feijão, arroz, ficarão podres, mofadas, etc.; apesar de as termos seccado muitissimas vezes ao sol. A nossa roupa era muito ruim; já havia bastante tempo que nos tinhamos emancipado das meias e das botas. Era com prazer que observavamos as solas dos pés calejarem-se resistindo assim melhor aos bichos infernaes. Alguns companheiros soffrião de febre palustre.

E em taes circumstancias tivemos ainda de arrastar as canôas por cima das pedras, transportar a carga ás costas e, o que é mais ainda, as proprias canôas nas picadas do mato! Estavamos tão perto ainda de Cuyabá e tão longe ainda do Pará!

Salvário-nos os indios, os *Bacairis* bravos. Na sua primeira aldêa acabário-se as cachoeiras. Depois de innumeraveis voltas, depois de haver visitado quatro aldêas dos *Bacairis* e uma outra da tribu dos *Gustenaís*, alcançámos no dia 30 de Agosto a foz do Batovi.

Na sua totalidade, tinha o Batovi uma largura de 70 metros, dilatando-se de vez em quando de 120 a 150. A sua corrente era de uma legua em quatro horas. Encontrámos uma barranca de tres a quatro metros. Só nos primeiros dias encontrámos terreno montanhoso; nos seguintes, campo, e perto mesmo do rio, mato sujo.

A foz é um ponto interessante. Juntão-se ali três braços: d'oeste vem o Ronúro com 400 metros de largura, recebe o Batovy, o Tamitatóala dos *Bacairis*, e une-se com o Culiséu com 300 metros de largura para formar o Xingú; este chamado simplesmente Paraná, corre mais e tem no principio uma largura de 400 metros, alargando-se depois até 500 e 600 metros.

Na foz do Culiseu morão os *Trumais*; 14 leguas ao norte do Xingú, os *Suyás* dos quaes os outros têm muito medo. Perto delles ha outra tribu os *Manitsanas* que conheciamos só como captivos dos *Suyás*. Dá-se o facto estranho que existe lá realmente um nucleo de indios. Ha ali 20 differentes tribus e

que, pelo menos em parte, não são parentes, mas que não obstante estão no mesmo gráo de cultura. Ha no Batovy os *Bacairis*, os *Gustenaús* e os *Vauzás*; no Ronuro os *Cuyaaús*, e no braço principal, o Culiseu, contão-se, além dos *Trumais* 13 outras tribus entre as quaes os *Minaciús* e os *Faura-cuús*, que possuem 5 aldéas.

Não se deve, porém, concluir que estes indios tenham caracter pacifico, só pelo motivo de não se haverem mostrado hostis para conosco. Nunca haviam visto gente branca, sorprendêmo-los a todos e, descendo o rio, apparecemos-lhes de repente, sem que elles presentissem a nossa chegada: eis talvez o motivo de semelhante mansidão.

Sendo nós de apparencia estranha, barbados, vestidos, sem arcos nem flechas, e não fazendo gestos ostentosos, ao contrario de todos os indios, estavam estes como que embaraçados e medrosos. Tentarão assustar-nos, como é costume desia gente; batêrão no peito, gritarão e repetirão muitas vezes o nome de sua e de outras tribus: « *Katú, hekatú, custenaú, hekatú, Vaurá, hekatú, Trumái,* etc. »

Em lugar tambem de entoarmos um canto de triumpho, achamos-lhes graça, rimo-nos e assim ficarão desarmados. Desconfiarão muito, mas em todo o caso ganhámos o primeiro momento. Quem vio uma vez o effeito que produz nelles um simples tiro de revolver fica sem medo de uma tribu inteira.

Tivemos um acontecimento bastante desagradavel com os indios *Trumais*: tres dentre elles haviam nos visto de noite na praia; na manhã seguinte voltarão em numero de 43 com 14 canoas em ordem de combate. Só depois de negociações, que durarão horas inteiras, se resolverão a desembarcar e a approximar-se de nós. Cada um dos nossos levou um ou dous para o acampamento. Estes, desconfiados, procuravão apoderar-se dos nossos chapéos, das facas, da espingarda e de outras cousas que excitavão a sua curiosidade. Resistindo nós com bons modos, um dos indios descarregou por acaso uma espingarda. O espanto que o tiro produziu foi tamanho que momentos depois todos tinham saltado para agua, pulando para dentro das canoas. Cheios de terror panico fugirão atravessando o rio. Um dos indios arremessou uma flecha sobre uma das nossas canoas em que estavam os soldados.

Estes responderão disparando as armas para o ar. Bastou isto para que todos se lançassem á agua, alcançando a terra, nadando por baixo d'agua até que desaparecêrão no mato. Os pennachos ficarão fluctuando no rio e todas as armas, arcos, flechas, cacetes e canoas, forão abandonadas. Perdemos assim, infelizmente, occasião de fazer estudos mais exactos sobre esta tribu.

Na aldéa dos *Suyás* mostrei a esta tribu um espelho. Quando o reflexo do sol se projectava e se mexia na parede, todos assustados fugirão, pegando nas armas e insistindo com toda a urbanidade para que sahissemos instantaneamente da aldéa. Os mesmos *Suyás* incommodavão-nos todos os dias para que nos fossemos embora, concedendo que ficassemos se lhes promettessemos de os acompanhar em uma expedição guerreira contra os *Trumais*. Segundo o seu projecto, deviamos ir juntos com elles, pôrmo-nos de emboscada, assaltar e matar os homens e repartir as mulheres entre elles e nós os alliados.

Apezar deste facto, estamos convencidos de que, tratados com intelligencia e cautela, pôde conseguir-se destes indios trabalho pacifico e bom comportamento.

Todas estas tribus estão aldeadas, possuem casas altas e redondas e nas quaes morão algumas familias juntas. Cultivão a terra, plantão mandioca milho, batatas doces, cará e algodão. As bananas alli são desconhecidas, mas fuma-se o tabaco bravo. A sua principal cultura é a mandioca, de cuja massa preparão os bolos *beijúes* e mingãos refrigerantes. Conservão grande quantidade desta massa em casa dentro de cestos enormes. Não cação; limitão-se á pescaria, para a qual empregão flechas. No tempo das enchentes fechão os canaes das lagoas para apanhar os peixes durante a secca; collocão redes no salto, etc.

Não tem lanças; cação os bichos do mato sómente com arco e flecha;

não comem nem veado nem anta; mas gostão muito da capivara e dos macacos moqueados. Tinhao muito medo dos nossos cachorros. Só os *Manitsauás* têm uma palavra para este animal.

Os homens andão nus, pintão a cara e o corpo de vermelho e preto; no pescoço usão collares de dentes ou de conchas; nos braços e nas pernas trazem tiras feitas de algodão; e na cintura, cordas em que enfião bagas ou carocos.

A roupa das mulheres é economica. Devem conhecer a princeza da fada que possuia um vestido de tecido tão fino que o podia guardar dentro de uma casca de nóz. Pois bem, as mulheres dos *Bacairis* e dos *Kustenáus* poderião metter tambem a sua roupa, feita de casca de palmeira, senão n'uma casca de nóz, pelo menos n'uma caixinha de phosphoros.

Emquanto as mulheres dos *Suyás*, a respeito de modas, estão ainda menos adiantadas, não fizerão nenhum progresso desde os tempos de Eva. Tecem, porém, redes de dormir, feitas de algodão ou de fibras de buruti, conduzindo os fios simplesmente a roda de dous páos fincados no chão.

Os seus instrumentos são: machados de pedra, formões de osso, etc. Não conhecem nenhum metal.

Enumerei o que as diversas tribus têm de commum. Comquanto de descendencia diversa, assemelhão-se nos costumes. Os seus idiomas são absolutamente differentes; contêm apenas algumas palavras da lingua geral. E' por conseguinte inteiramente impossivel uma pessoa fazer-se comprehender por meio desta última. E' por isto que nos servimos de gestos.

Os *Bacairis* forão mais hospitaleiros: por objectos de insignificante valor, obtivemos *beijúes* em quantidade, e em troca de facas ou roupas, derão-nos canoas.

Erão entusiastas pelos botões, porque os podião enfiar no cinto. Fazião o possivel para cortar os que traziamos na roupa. Creio que com algumas grozas de botões ordinarios poder-se-hia comprar alli casa, terreno, alimento... e mulheres. Os dias que passámos entre elles ficarão gratamente gravados na nossa memoria.

Os *Bacairis* são bem conformados, de estatura regular e usão o cabello cortado em fórma de coróa, com tonsura rapada por capim duro. Ornamentão as orelhas com duas pennas e a cabeça com diademas de palha ou de pennas. Gostão de musica, usão flautas de um metro de comprimento com que tocão melodias melancolicas e monotonas, e que ás vezes acompanhão com dansas, marcando o compasso com o pé direito. Nas festas adornão a cabeça com enfeites feitos de palha de buruti, algodão e passaros, toscamente entalhados em madeira. Suspendem no interior das casas animaes feitos de palha. Estes artefactos são muito grosseiros, mas, como gente do mato, mostrão sempre vontade de divertir-se com trabalhos artisticos.

O ultimo aldeamento era o mais povoado e os habitantes têm character mais guerreiro e bravo. Alli nem aquelle que se entendia conosco deixava o arco e a flecha quando fazia um cigarro. O numero total dos *Baicaris* não passa de 250. Dos *Baicaris* mansos já se não lembrão. O idioma apresenta sómente differenças dialecticas.

Os *Kustenáus* têm character muito mais desagradavel: roubão e receião ser roubados. Pelos objectos que encontrámos em seu poder, julgamos que fazem viagens compridas para trocar ou para furtar. Comfudo isto é uma tribu pobre e pouco numerosa, cerca de 30 cabeças.

Não chegámos a conhecer os *Vaurás*; a aldêa ficava muito distante do rio.

Depois do facto acontecido com os *Trumais* e do qual já fallei, não tornámos mais a vê-los.

Os *Suyás*, dos quaes todos os outros têm medo, vivem n'uma aldêa de 9 casas e conta esta tribu cerca de 120 pessoas. São um pouco mais elevados do que os outros. Homens e mulheres andão completamente nus. Os homens têm no beijo uma grande roda de cortiça, leve, bonita e que não os impede de comer, de fumar ou de tocar flauta. Usão nas orelhas um rolo de palha um pouco menor. As orelhas ficão-lhes por tal modo rachadas que, depois de lhes tirarem os taes ornamentos, quasi que lhes tocão nos hombros. Na testa raspão os cabellos; na nuca usão-os muito compridos. Têm

habilidade para fazer cestos, balaios para talha, bancos bonitos, aos quaes com os seus instrumentos primitivos sabem dar a fôrma perfeita de um passaro. A flauta que elles usão é composta de tres canudos de diferentes tamanhos. Como arma terrivel usão de massas pesadas que enfeitão com pedaços de concha.

O numero daquelles indios julga-se maior do que é na realidade: calculando proporcionalmente pelas tribus que conhecemos, não creio que toda a povoação espalhada pelas cabeceiras do Xingú exceda a 3,000 individuos.

Poucos dias depois de passarmos os *Suyás*, começou outra época ruim para nós. Depois de receber alguns affluentes, alarga-se o rio de 800 a 900 metros, correndo muito pouco. Reapparecem os morros, juntos das margens, approximando-se de perto do rio, este é obrigado a fazer algumas voltas grandes. Apparecem ao mesmo tempo novas cachoeiras. Conseguimos escapar, mas as nossas canoas de casca já não prestavão para mais nada. Accrescendo para maior mal o vento, as ondas e as trovoadas fortissimas que experimentámos.

O estado geral da expedição era decididamente máo; quasi todos soffriamos accessos febris, felizmente raros. Todos nós tomavamos de manhã sulfato de quinino como café. Não encontrámos outra comida que não fosse piranha e pirarara. Imaginem com que gosto comemos duas onças cuja carne tanto se parece com a do porco! Acabou-se-nos a farinha; acabou-se-nos por fim o sal, de maneira que, por tres semanas, não nos causava satisfação o tempero do peixe.

Felizmente apparecerão-nos novos amigos—os indios *Yurumas*. Falta-me o tempo para descrever mais minuciosamente esta tribu. E' conhecida dos tempos antigos; fallão um pouco portuguez, usão espingardas e vivem em guerra com os *Carajás*, muito mais ferozes e valentes, e que percorrem os territorios á margem direita do Xingú. São os verdadeiros donos do rio, que navegação n'uma extensão de 5° de latitude.

Não conhecem os *Suyás* — factó estranho, mas certissimo, e os *Suyás* tambem nada sabem dos *Yurumas*. Provavelmente os *Suyás* não descem com medo das cachoeiras, e os *Yurumas* não sobem receiando espalhar-se demasiadamente e enfraquecer-se por este modo na luta com os *Carajás*.

Os *Yurumas* derão-nos em troca ubás e acompanhárão-nos como guias até os primeiros moradores.

Pôde dizer-se que estas ultimas 100 leguas não são mais do que uma só cachoeirada. Sem ubás e sem guias, estavamos todos perdidos, com certeza.

Nesta latitude o rio tem uma largura de 1,200 a 2,000 metros; é cheio de ilhas e tem pequena correnteza. Além das palmeiras aguassú, inaja, tucum, seriba, assay, etc., que caracterisão as florestas que acompanhão todo o rio, apparecem frequentemente as seringueiras. Os castanheiros abundão em certos lugares. Encontrámos muitas outras arvores uteis: cedros, aroeiras, cunhão de porco, oatumbú, peroba, unanandi, ximbuva, etc.

Chegámos no dia 13 de Outubro a Piranhaquára onde terminou a viagem do principe Adalberto. No dia 15 saudámos a casa do primeiro seringueiro, onde tudo, mesa, cadeiras, garfos, colhéres, lampadas erão cousas novas e interessantissimas para nós.

No dia 28 tomámos o vapor de Porto de Moz e chegámos ao Pará quasi nús, é verdade, mas sem termos perdido um homem.

Resumamos brevemente o resultado da viagem:

O Xingú não serve para a communicação de Mato Grosso com o Pará em consequencia das cachoeiras, e não se pôde pensar n'uma estrada de ferro ou de rodagem ao longo do seu curso por causa do terreno montanhoso.

As riquezas do reino vegetal são sem duvida consideraveis. A caça, porém, pareceu-me mediocre. O unico meio de aproveitar aquellas riquezas é com o auxilio dos *Yurumas*. Estes indios não gostão do trabalho, mas não são hostis. Se não fôr possivel acostuma-los a apanhar borracha e transporta-la para baixo, servem pelo menos como praticos até qualquer ponto do rio acima.

Ha alguns milhares de indios nas cabeceiras do Xingú. Têm um character predominantemente pacifico. Para o futuro podem fornecer braços apropriados a Mato-Grosso. Esta provincia só pôde progredir servindo-se em grande escala do braço indigena.

Não entro em resultados puramente scientificos em face da anthropologia, da ethnologia e da linguistica. Publicaremos mais tarde estas observações depois de as havermos examinado com vagar.

Chamo apenas a attenção do publico para as modificações consideraveis a que se deve submitter a representação geographica do Xingu! Que posição differente da volta grande perto da foz! Que collocação differente das nascentes!

Finalmente abrimos uma picada pela mata do desconhecido; ainda é virgem esta mata. Esperemos que haverá outro namorado que não deixe emmurchecer-lhe a belleza em abandono e solidão. Esperemos que o lavrador e o engenheiro venção-lhe a aspera castidade, afim de desenvolver-se em fertilidade prospera a favor das gerações futuras.

O Sr. 1º secretario interino commendador Reinaldo Carlos Montoro, concluiu os trabalhos da sessão, assim fallando :

Meus senhores — O incentivo que reúne neste recinto um auditorio tão illustrado e distincto é eloquente testemnhho de adiantamento realizado nos espiritos cultos, destruindo os antigos preconceitos, glorificando as geraes conquistas da sciencia, e riscando as fronteiras das nações, logo que se trata do bem commum. Nesta segunda parte do seculo, o reconhecimento do globo, que tanto deve ao energico impulso de homens, como Murchisson, Rawlinson e Patermann, contribuiu poderosamente para approximar as nações e confedera-las no nobre empenho de levar a luz da civilização ás paragens mais ignotas e inaccessiveis. A geographia e sciencias accessorias, que abrangem hoje quasi a encyclopedia de tudo quanto é relativo ao homem e á natureza, obtiverão tão grande adiantamento depois de 1850, que os melhores tratados anteriores estão distanciados e quasi inutilizados pelas recentes verificações.

O interior da Africa foi devassado e descripto, e as hypotheses dos geographos egypcios e romanos, já verificadas pelos exploradores portuguezes do XVI seculo, tornarão-se em dados positivos, completados e entregues ao aproveitamento industrial. As altas serras do interior da Asia, berço esquecido das raças historicas, forão reconhecidas e invadidas pelos engenheiros russos e inglezes. As communicações fluviaes entre o Oceano Indico e as provincias chinezas do Thibet e de Yunnan cedêrão á intrepidez dos missionarios e maritimos europeós. A Australia, de terra quasi fabulosa, pela sua estrutura e fauna singulares, entrou no convivio das nações novas, e prepara-se a ser um fóco de civilização e centro politico do extremo Oriente. Um ousado navegante da Suecia, repetindo os prodigios de Fernão de Magalhães, realizou a circum-navegação do velho continente, passando pelos mares gelados do pólo artico, em seguida examinou e destruiu as fabulas scientificas das costas orientaes da Groenlandia, e agora prepara-se a vir nesta parte do globo, arrancar do oceano austral o segredo dos seus continentes volcanicos e de sua influencia nas correntes atmosphericas e maritimas. Emfim, o continente que habitamos não offerece quasi espaço algum que não esteja submettido ao compasso da sciencia e ás explorações da industria.

Achar no meio destas ondas de luz lançadas sobre o globo um ponto obscuro, ainda não visitado, é de certo hoje tarefa difficil e que, pelo menos, indica graves difficuldades a vencer.

Estes esforços dos homens de sciencia e de vontade para concluir o reconhecimento do globo forão precedidos por exames de eruditos geographos, que consolidarão e verificarão os conhecimentos adquiridos. Entre elles, para honra da sabia Allemanha, figura o nome glorioso de Humboldt, que na America, Asiae Europa, precedeu nas verificações geographicas, anthropologicas e linguisticas, em todas as grandes questões da physica terrestre, os espiritos mais adiantados deste seculo. A geographia comparada e a archeologia deste mysterioso continente devem-lhe as suas mais lucidas induções. Grato me é collocar entre os precursores da verdadeira sciencia, daquelles que pedirão aos factos, á historia, ás averiguações, os elementos de ulterior progresso, o nome de Casado Giraldes, um dos mais exactos estatisticos e geographos dessa época, e o do Visconde de Santarém, que, em 1842, na

admirável e sabia introdução ao seu livro de averiguações da prioridade das descobertas, traçou o mais completo monumento da geographia historica, em que, mais tarde, forão collegir dados os primeiros homens da sciencia na Europa e America.

Hoje a cartographia chegou á perfeição, mas teve que percorrer o immenso espaço que vai do mappa quasi fabuloso do arabe Edrisi e do pequeno mappa-mundi circular de um manuscrito de Turim do VIII seculo até os magnificos trabalhos topographicos do estado-maior prussiano e as cartas hydrographicas do almirantado inglez.

Os estudos sobre a America, informes e vagos até o fim do ultimo seculo, estão hoje merecendo a attenção das notabilidades scientificas mais adiantadas e tendem a substituir-se ao orientalismo na preocupação dos sabios. Para honra das nações americanas, foi no seu proprio solo que estas averiguações principiãrão, e o Mexico, que teve a felicidade de possuir a primeira imprensa em 1535, tambem viu sahir de seus préelos, em 1550, o primeiro estudo sobre a lingua azteca. E' nesse centro de estudos americanos que se formou o illustre Clavigero, heróe da sciencia com direito neste ramo de erudição á precedencia que compete a William Jones nos estudos indianistas. Ambos são do mesmo tempo e ambos contribuirão á fusão das mais difficeis averiguações da historia.

No Brazil, os estudos internos sobre o seu proprio solo e o conhecimento que delles tiverão os sabios estrangeiros podem dividir-se em tres épocas distinctas e bem delimitadas. A primeira, que vai desde a descoberta ocasional ou premeditada do Brazil, em 1500, até 1808, é a das admiraveis explorações da raça invasora, dos consideraveis trabalhos topographicos ordenados pela metropole, e da geographia imaginaria dos tratados estrangeiros. A segunda época, de 1808 a 1840, principia com a mudança da cõrte para o Rio de Janeiro, a abertura dos portos aos estrangeiros, a fundação dos estabelecimentos scientificos, e, ao passo que os mais illustros viajantes visitão e descrevem o paiz, os estudos geographicos tomão entre nós notavel desenvolvimento. A terceira época, de 1840 até nossos dias, pela influencia dos institutos nacionaes, pela classificação dos documentos adquiridos, pelos trabalhos collossaes de alguns sabios, e, depois de 1876, pelo encetamento da exploração scientifica e methodica do paiz, faz entrar o Imperio no gremio das grandes nações historicas e que deixarão vantajoso nome na conquista do globo.

Já na primeira época os homens que empregavão a attenção no Brazil conhecião a maior parte das questões aventadas pelos americanistas. Pedro de Mariz faz remontar as primeiras indicações da existencia do Brazil a um naufragio de portuguezes no meado do seculo XV. Manoel de Faria e Souza occupou-se com estas averiguações historicas. Antonio Galvão, no seu *Traçado dos descobrimentos antigos e modernos*, explana-se no estudo das origens americanas, das inscrições runicas dos Açores, e allude ao contestado achado da estatua equestre, por Gonçalo Velho, na ilha do Corvo. Esta estatua figura em quasi todas as fartasias dos narradores arabes. Erão conhecidas estas questões pelos homens de letras do Brazil; no seculo ultimo, e na academia dos Renascidos, da Bahia, forão lidas seis memorias de Barbosa Machado sobre a origem asiatica dos indigenas.

Se a segunda época, de 1808 a 1840, se illustrou, pela viagem do principe de Wied-Neuwied, esse brasileiro de coração, que assistio á fundação das primeiras colonias suissas e atravessou o littoral de Nitherohy até a Bahia; com as vastas e profundas investigações dos bavaros Spix e Martius, com a interessante viagem ao interior de Augusto de Saint-Hilaire, — com os estudos de Eschwege, Schaeffer, Henderson, Freycinet, — com a visita de Ferdinand Denis, que deu ao Brazil um amigo fiel e um pintor exacto do paiz e de sua cultura, não foi menor o impulso desse tempo, nas averiguações dos nacionaes.

E' de 1817 o apparecimento da *Corographia Brazilica* do padre Manoel Ayres do Casal, que Balbi e Humboldt considerãrão como verdadeiro fundador da geographia physica do Brazil. E' de 1819 a apuração da primeira estatistica ordenada pelo governo do Rio, e que deu ao paiz 3,617,000 habitantes. Foi nesse incremento de fortes estudos que formãrão-se homens

como o Visconde de Cayrú, Fernandes Pinheiro, Pizarro, Baena, e outros incansáveis trabalhadores corographicos, ainda hoje consultados. Navarro de Andrade fornecia a Grant os elementos de seu trabalho. Mais tarde um pouco, quando Balbi organisou o *Quadro Estatístico do Brazil*, que é o trabalho original mais exacto até 1842, elle confessou que devia em grande parte ao general João Paulo dos Santos Barreto, ao Visconde da Pedra Branca, a Sylvestre Pinheiro Ferreira, ao Marquez de Rezende e ao Visconde de S. Lourenço a immensidade de dados e rectificações que revelarão o verdadeiro Brazil ao mundo scientifico. Graças aos trabalhos dos illustres viajantes estrangeiros e dos investigadores nacionaes, já não era mais este imperio o paiz fabuloso a que Sir George Staunton no fim do ultimo seculo dava 800,000 habitantes civilisados, sendo apenas 200,000 de origem européa.

E' me forçoso concluir esta resenha, mas não o posso fazer sem assignalar no ultimo periodo de 1840 até nossos dias os trabalhos internos effectuados no Brazil. O Imperio foi-se delineando pelos horizontes da civilisação como um elemento imprescindivel na direcção do globo.

A *Revista do Instituto Historico e Geographico*, geralmente apreciada no exterior, contém immenso cabedal de noticias, fructo de algumas gerações de averiguadores, a que a classificação e generalisação darão no futuro o mais subido valor. Os *Annaes da Bibliotheca Nacional*, em que figurão os lucidos trabalhos philologicos de Baptista Caetano, revelarão-nos desde Anchieta até Alexandre Rodrigues Ferreira essa energica successão de missionarios e exploradores internos, que deixarão immensa cópia de mappas e roteiros. Os *Archivos do Muséu Nacional*, publicação magistral tão estimada na Europa e America, além de guardar as preciosas investigações do finado Hartt, collocarão-se á frente dos estudos da anthropologia, da fauna, da geologia e das antiguidades do paiz. Não menos estimaveis são os trabalhos topographicos de que sahio o *Mappa Geral do Imperio* e os da repartição hydrographica, aproveitados pelos almirantados estrangeiros. No centro desta época figura Baptista Caetano de Almeida Nogueira como o philologo profundo, o genio inspirado que, pelas analyses das linguas indigenas, conseguiu converter o americanismo em sciencia positiva.

Muito se deve aos engenheiros das estradas de ferro pelas suas cartas parciaes, — a alguns homens infatigaveis, como o Dr. Mello Moraes, esforçado autor da *Corographia Historica do Brazil*, e a trabalhos especiaes realizados nas provincias. A esta hora annuncião-se outros de subido valor no Pará, Bahía, Sul de Minas e Rio-Grande do Sul, contribuindo todos estes documentos para tornar possivel um trabalho completo sobre o Imperio, de que a geração nova nos deu já promettedor e auspicioso ensaio na primeira parte do *Brazil Historico e Geographico*.

Esta sociedade honra-se tambem em contribuir para a consolidação dos trabalhos de tantos institutos e homens illustres, auxiliando a publicação do *Diccionario Geographico do Brazil*, que será o indicador minucioso do terreno já conquistado e percorrido. O Brazil organiza-se scientificamente como já conseguiu organizar-se pelo lado politico e civil,

E' esse mesmo proposito de apoio aos investigadores que promove a nossa satisfação vendo neste recinto tres representantes dessa formosa terra da sciencia, dessa incansavel Allemanha de Humboldt e Ritter, que vierão rasgar o ultimo véo da região maravilhosa da Amazonia. O Xingú, no entender de um nosso illustre consocio, é o rio dos exploradores allemães, desde o modesto padre da companhia que o devassou no ultimo seculo, desde o illustre principe que confirmou essa primeira exploração, até os nossos arrojados hospedes, que não pedirão conselho e auxilio senão á sua vontade. Elles lembrão-nos Berlim, Nuremberg e Dusseldorf: o centro da sciencia allemã, a poesia sublime do berço medieval dos Hohenzollern e a escola illustre de que sahio a moderna regeneração da arte.

O Brazil é bastante grande e forte para applaudir os seus esforços, utilizar as suas revelações e abraça-los como irmãos na luta da civilisação contra as fatalidades da natureza selvagem.

NOTA

AO DISCURSO DO COMMENDADOR R. G. MONTORO, SECRETARIO INTERINO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, SOBRE DOUS PONTOS DA HISTORIA DAS SCIENCIAS GEOGRAPHICAS NO BRAZIL.

Algumas pessoas eruditas, versadas nos estudos americanistas e que assistiram á sessão solemne, fizeram reparo sobre dous pontos do meu discurso.

No primeiro, havia eu dito que a primeira epoca dos estudos internos sobre o Brazil, começava da descoberta occasional ou *premeditada*, em 1500.

No segundo, referindo-me á prioridade dos estudos americanistas entre nós, e apontando como testemunho o illustre Antonio Galvão, disse delle :

«...allude ao contestado achado da estatua equestre, por Gonçalo Velho, na ilha do Corvo. Esta estatua figura em quasi todas as fantasias dos narradores arabes. »

Embora em quasi todos os compendios de historia do Brazil se ensine hoje que Pedro Alvares Cabral deparou com este paiz por um acaso, devido a desabrida tempestade, que o trouxe corrido de Cabo Verde, em rumo de oeste, parece-me esta opinião infundada, e antes me inclino ao parecer de F. A. de Varnhagen, Joaquim Norberto e outras autoridades brasileiras, que quanto a mim, justificaram, até onde as averiguações podiam adiantar, que Cabral teve missão de ir em demanda da terra firme de Oeste. Disto não vem desdouro a Portugal nem ao illustre descobridor ; antes penso, mais honroso é que a côrte de Lisboa, por estudos e verificações houvesse anterior conhecimento do continente americano do Sul e delle desejasse apossar-se. Mariz traz a expressa mensão de que, antes de 1460, alguns portuguezes naufragaram nas costas do Brazil e ahi deixaram vestigios seus, de que se collige que o illustre infante D. Henrique, alem dos mappas que possuia e das tradições arabes que collegio, tivera noticia directa da grande terra de oeste, embora envolta em trevas fabulosas que o engenho e decisão de Colombo dissiparam.

Para exame das provas do que assevero vejam-se os dous excellentes trabalhos do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, um no tomo XV. da *Revista do Instituto*, sobre a natureza do descobrimento do Brazil, e outro, publicado na mesma revista, no 2º trimestre de 1854, que é a mais completa memoria que a sciencia possui sobre os indios da provincia do Rio de Janeiro. Agora que é moda copiar de estrangeiros, como inesperada descoberta, o que se repete sobre as origens da America, bom é estudar o que o erudite Sr. Joaquim Norberto escreveu com tanta competencia sobre as antiguidades brasileiras

Aproveito a occasião para prehencher duas lacunas do meu discurso. O proposito em que estava de não fazer mensão dos autores vivos, impedio-me a referencia ao notavel trabalho do Sr. Couto de Magalhães, intitulado *O selvagem*, que é preciosa resenha de mythologia, tradições e linguagens dos indios brazilicos. A parte relativa ás lendas dos indigenas, já, pelo seu merecimento, traduzida em francez pelo Sr. E. Allain, é preciosa base de estudo

para averiguações das origens antropologicas, se é que todas essas lendas são pre-colombianas. Mais uma prova tambem addusem, do que pensam os maiores sabedores das cousas da America, de que a raça tupy era antes um povo em decadencia e barbarisado, do que grey selvagem, que nunca conhecesse maior cultura.

Cumpriria, em quanto é tempo que se consolidassem os anteriores e antigos estudos sobre os indigenas, e se tomassem copias exactas das inscrições da Gavéa, Cabo Frio, Minas Geraes, Rio Doce, Bahia, Pernambuco, Ceará, Xingú e Amazonas, que pertencem a diversas classes de escripturas, e que á luz actual de sciencia, poderiam guiar os averiguadores da historia ante-colombiana.

Uma outra omissão involuntaria foi a dos admiraveis trabalhos americanistas do Dr. F. S. de Constancio, dos quaes é testemunho a notavel memoria sobre as antiguidades de Palenque, inserta em 1829, na *Revista Trimensal* de M. Buchon, e, portanto precedendo os modernos trabalhos de Warden, Charnay e Brasseur de Bourbourg. Cabia a Constancio a inapreciavel vantagem de poder ligar os modernos estudos aos antigos e tão preciosos dos orientalistas e americanistas portuguezes.

Quanto á questão da estatua equestre do Corvo e á menção que della, confusamente, fazem os narradores e geographos arabes, passou agora em julgado dar o facto historico como invenção posterior ao seculo XVII, o que é commodo para os que se dispensão de estudar as questões nos mananciaes e vão copiando a esmo e sem criterio e apropriação o que nos vem do estrangeiro.

Ao contrario do que hoje affirmão os partidarios da origem exclusivamente europeá da civilisação, vicio a que não escapão os maiores espiritos de França e Allemanha, está provado que nos seculos IX, X, XIII até 1450, os arabes alargárão as suas navegações desde o estreito de Bab-el-Mandeb até as mais remotas paragens dos Oceanos Indico e Austral, e dahi lhes veio a vasta cópia de conhecimentos ethnographicos, de que são prova as narrativas colligidas pelo sabio orientalista Galland, e que segundo M. Sylvestre de Sacy, pertencem não só a origens arabes, como persas, indianas e chinezas. Não é muito que nesse periodo os arabes sulcassem o Oceano Atlantico e algumas novas tivessem das terras que contem.

Edrisi, famoso geographo arabe, ao serviço do rei Rogerio, da Sicilia, menciona no seu livro de geographia as ilhas do Atlantico, em que segundo a tradição ha grandes penedias, no alto das quaes se vêm estatuas equestres com o braço estendido.

Um manuscripto arabe, intitulado *Akbar-az-zeman*, é mais explicito e particularisa melhor, indicando antigas ilhas volcanicas do Atlantico, em uma das quaes havia uma estatua de cor amarellada, que de braço estendido, fazia signal aos navegantes. Sobre outra estatua entra em mais particularidades e transcreve uma inscrição nella aberta e que atribue a origem hymiarita. O V. de Santarem faz menção de passagens analogas de outros escriptores arabes, não entrando, porém, nas induções que a concordancia delles requeria.

Póde este conjuncto de tradições ser fortuito, mas tambem, comparado a outros vestigios, encaminhar os espiritos frios e analyticos a resultados inesperados.

Antonio Cordeiro, G. Fructuoso e outros historiadores dos Açores fazem menção da estatua equestre, mas é em Damião de Góes que se encontra a verdadeira fonte do facto historico. Diz este celebre discipulo de Erasmo, no capitulo IX, da *Chronica do principe D. João* :

« ... necessario será dizer algumas particularidades das ilhas dos Açores, posto que fossem achadas antes do nascimento de el-rei D. João, para no fim deste capitulo descobrir uma antigualha, que em uma dellas em nossos dias se achou... Destas ilhas a que mais está ao norte é a do Corvo, que terá uma legua de terra ; os mareantes lhe chamão ilha do Marco, porque com ella (por ser uma serra alta) se demarcão, quando vão demandar qualquer das outras. No cume desta serra da parte do noroeste se achou uma estatua de pedra, posta sobre uma lage, que era um homem em cima de um cavallo em osso, e o homem vestido de uma capa como bedem, sem barrete ,

com uma mão na crina do cavallo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo grande a que os latinos chamão *index*, com que apontava contra o poente. Esta imagem que toda sahia maciça da mesma lage, mandou el-rei D. Manoel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e depois que vio o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andára muito em França e Italia, que fosse á esta ilha, para com aparelhos que levou, tirar aquella antigualha; e qual quando della tornou, disse a el-rei, que a achára desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado. *Mas a verdade foi*, que a quebráráo por mão azo, e *trouxerão pedaços della*, a saber: a cabeça de homem e o braço direito, com a mão e uma perna, e a cabeça do cavallo e uma mão que estava dobrada e levantada, e um pedaço de uma perna; e que tudo esteve no guarda-roupa de el-rei alguns dias; mas o que depois se fez destas cousas, ou onde se puzerão eu não o pude saber.

« Esta ilha do Corvo e Santo Antão forão de João da Fonseca, escrivão da fazenda de el-rei D. Manoel, e delle as herdou seu filho Pero da Fonseca, escrivão da chancellaria do mesmo rei, e d'el-rei D. João III seu filho, o qual Pero da Fonseca, no anno de 1529, as foi vèr, e soube dos moradores, que na rocha abaixo onde estivera a estatua, estavam entalhadas na pedra da rocha umas letras; e por o lugar ser perigoso para se poder ir aonde o lettreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quaes impremirão as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cêra, que para isso levárão: comtudo as que trouxerão impressas na cêra erão já mui gastadas, e quasi sem forma; assim que por serem taes, ou por ventura, por na companhia não haver pessoas, que tivessem conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que ali se acharão presentes souberão dar razão nem do que as letras dizião, nem ainda puderão conhêcer que letras fossem. »

A posição dos Açores, entre 37 e 40 grãos de latitude norte, e 25 a 32 de longitude oeste não deve ser indicação muito segura de que por ali nos venhão esclarecimentos sobre a povoação deste paiz, mas a incontestavel circumstancia narrada por Damião de Góes, combinada com o achado de outras inscripções, moedas antigas e construcções megalithicas nessas ilhas pôde reatar o fio da historia precolombiana em relação a America do Norte, O illustrado M. A. Bamps, diz na sua memoria sobre *O synchronismo pre-historico*:

« Um antigo historiador, que pôde ser classificado entre os homens mais esclarecidos do seu tempo e na qual pôde depositar-te tanto maior confiança que elle escrevia em uma época já distanciada, Damião Góes, diz na *chronica do principe D. João*, pagina 38, edição de 1724, a proposito de uma pedra com inscripção achada em uma das ilhas dos Açores, que os povos vindos a essa ilha e que ahi deixarão esse traço de sua passagem, podem ser originarios da Noruega, Gothia, Suecia ou Islandia,—pois todos esses povos têm por costume gravar na pedra os feitos notaveis e actos de bravura para perpetuar-lhes a memoria, e que diversas pedras de grande altura, erigidas provavelmente por esse motivo se encontrarão na dita ilha. Damião de Góes, ha mais de tres seculos, professava já uma opinião identica á dos nossos modernos archeologos. »

A estreiteza do espaço priva-me de mais copiosas citações, que justifi quem o valor dos vestigios atlanticos nos escriptores arabes e portuguezes. Pouco partidario sou de hypotheses historicas, e apezar destes vestigios, e dos encontrados nos sertões da Bahia e em Montevideo, não me inclino á visita dos phenicios e normandos nesta parte da America. E' conveniente, porem, estudar este elo da historia pre-colombiana, combina-lo com a analyse das inscripções locais, das tradições indigenas e dos monumentos da ceramica brazilica. Inclino-me ao parecer de Frederico de Hellwald e A. Morlot, de que os *mounds-builders* estenderão a sua civilisação desde o Ontario até o Orenoque e talvez até o Amazonas, e é certo que elles conhecerão as aves peculiares á America do Sul,—mas esta civilisação era importada e pertencente á idade do cobre. E' um ponto importante este, e que cumpre punca perder de vista nas averiguações.

Agora que a descoberta de um núcleo de raças indígenas puras no Alto Xingú, pôde conduzir a trabalhos ethnographicos mais exactos, e que o Museu Nacional, por meio de pessoas competentes, procede ao estudo scientifico das antiguidades ante-colombianas, estudo que muito honra o iniciador e principal promotor, parece-me que esta nota não será completamente descabida e poderá servir de prologo a trabalhos mais profundos e acurados das nossas sociedades de geographia.

REINALDO CARLOS MONTÓRO



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA